

Fé, festas e economia popular: implicações da pandemia de Covid-19 sobre as celebrações do Círio de Nazaré

Faith, celebration and popular economy: implications of the pandemic of Covid-19 on the feasts of the Círio de Nazaré

Bartos Batista Bernardes

Instituto Federal do Estado do Piauí, Teresina, Piauí, Brasil

José Alfredo Oliveira Debortoli

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

RESUMO

Nos anos de 2020 e 2021, a pandemia de covid-19 afetou a realização, em Belém do Pará, do Círio de Nazaré, que necessitou de contornos extraordinários para que fosse realizado de modo essencialmente virtual. A festa do Círio se situa além dos rituais litúrgicos, espalhando-se por festividades culturais das mais variadas, como a icônica Festa da Chiquita. O turismo da cidade, além de toda uma rede diretamente dependente dele, notadamente o eixo comercial, foram seriamente impactados. Nesse cenário, a economia popular, por abarcar sobretudo os vendedores que atuam na informalidade, foi uma das áreas mais atingidas pelos efeitos do isolamento social. Este artigo objetiva analisar os efeitos danosos da pandemia sobre a festa do Círio e todas as manifestações culturais a ele indexadas, com ênfase na economia popular atuante nesses movimentos. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa documental, com utilização de fontes jornalísticas, suportada pela literatura relacionada à questão pandêmica. Foram analisados fragmentos de entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo, em 2021, com oito sujeitos relacionados às temáticas abordadas neste estudo. As principais análises foram promovidas sob uma perspectiva foucaultiana de poder, o que corroborou para confirmar a hipótese de que as festividades atreladas ao Círio possuem inestimável relevância econômica para os vendedores ambulantes que atuam na informalidade, razão pela qual a ausência desses eventos, em decorrência da pandemia, acarretou consequências mais fortes sobre essa massa vulnerável de trabalhadores.

Palavras-chave: Pandemia, Círio de Nazaré, Festas, Economia Popular, Vendedores ambulantes.

Recebido em 10 de junho de 2022.

Avaliador A: 15 de julho de 2022.

Avaliador B: 22 de julho de 2022.

Aceito em 29 de setembro de 2022.



ABSTRACT

The covid-19 pandemic affected the occurrence of the Círio de Nazaré Festival in Belém do Pará in the current years of 2020 and 2021, demanding extraordinary capacity in the attempt to offer the event in an essentially virtual way. The Círio feast surpasses usual liturgical celebrations, spreading in the form of the most varied cultural festivities, such as the iconic Festa da Chiquita. Tourism in the city and a whole network directly dependent on it, especially the trade axis, were gravely impacted. In this scenario, the popular economy, as it mainly encompasses sellers who work in the informal sector, was one of the most affected sectors, due to social isolation. This article aims to analyze the adverse effects of the pandemic on the Círio de Nazaré Festival and all the cultural manifestations related to it, with a focus on the popular economy operating during these celebrations. Methodologically, it is a documentary research that uses journalistic sources and is sustained by the review of literature related to pandemic matters. Fragments of interviews carried out during field research, in 2021, with eight subjects related to the themes addressed in this study, were analyzed. The main analyzes were carried out from a foucaultian perspective of power, which corroborated the hypothesis that the festivities linked to the Círio have inestimable economic relevance to the street vendors who work informally, which is why the absence of these events, due to the pandemic, had stronger consequences on this vulnerable mass of workers.

Keywords: Pandemic, Círio de Nazaré, Parties, Popular economy, Street vendors.

INTRODUÇÃO

Coetânea à Revolução Francesa, a bissecular festa do Círio de Nazaré, que teve início em 1793, necessitou de contornos extraordinários para se adaptar aos efeitos cinzentos acarretados pela pandemia de covid-19. O Círio é um evento de grande notoriedade nacional e carrega a responsabilidade de ser uma das maiores manifestações católicas do Brasil e do mundo.

Um verdadeiro efeito “bola de neve” foi ocasionado pela interrupção, durante dois anos consecutivos, das 13 famosas procissões que acontecem no período da Quadra Nazarena¹. Na ponta do *iceberg*, o turismo foi drasticamente reduzido e toda uma cadeia econômica que

¹ Quadra Nazarena é o termo usado para o período quinzenal em que ocorre a programação oficial do Círio de Nazaré. Nela, ocorrem 13 procissões oficiais: (1) Círio de Nazaré, (2) Trasladação, (3) Círio Fluvial, (4) Romaria Rodoviária, (5) Motorromaria, (6) Traslado dos Carros, (7) Romaria da Juventude, (8) Traslado para Ananindeua, (9) Romaria das Crianças, (10) Ciclo Romaria, (11) Romaria dos Corredores, (12) Procissão da Festa, e (13) Recírio.

depende diretamente do Círio foi seriamente afetada, desde o grande comércio até os vendedores ambulantes da chamada economia popular (EP). A EP é um segmento voltado às demandas locais, com produção essencialmente artesanal e domiciliar comercializada em barracas e quiosques, no contexto da rua, da praça, do bairro e da vida urbana (DINIZ, 2019).

Para se ter uma ideia, a procissão do Círio de Nazaré chega a aglomerar 2 milhões de pessoas, razão óbvia dos cancelamentos das programações presenciais. No período, era exigido o isolamento social, de modo a alinhar o cotidiano às orientações sinalizadas pelas autoridades sanitárias.

O cenário habitual dessa festa, antes da pandemia, expressa a relevante potência que ela possui. Com um fluxo turístico acentuado, a cidade tem sua economia movimentada em todas as escalas, com hotéis, restaurantes e pontos turísticos expressivamente lotados. Trata-se de uma rede que se articula também à economia informal, beneficiando desde entregadores e motoristas de aplicativos aos incontáveis vendedores ambulantes que ofertam os mais diversos itens, como comidas típicas e objetos artesanais, estes majoritariamente vinculados ao contexto sagrado.

É importante evidenciar que o Círio está para além das celebrações religiosas, de modo que inúmeros eventos profanos se espraiam por Belém do Pará, celebrando o final de semana mais importante da capital. A Festa da Chiquita, o Arrastão do Pavulagem e o Auto do Círio são os mais emblemáticos, em termos culturais e de interesse midiático.

Em face do exposto, este artigo objetiva apresentar os efeitos deletérios da pandemia de covid-19 sobre a festa do Círio de Nazaré e todas as manifestações culturais a ele indexadas, com ênfase na economia popular atuante nesses movimentos. Desse modo, foi possível confirmar a hipótese norteadora deste trabalho, ou seja, que a festa do Círio e os demais eventos a ela conectados possuem forte relevância para os vendedores de rua que atuam na informalidade. Por conta viverem uma situação de fragilidade e ausência de amparo previdenciário, esses trabalhadores tiveram impactos ainda mais devastadores em função do isolamento necessário ao período pandêmico mais crítico.

Metodologicamente, este trabalho tem um caráter documental, sendo analisadas informações contidas nos principais jornais que circularam na cidade de Belém nas edições do Círio de 2020 e 2021, ambos os anos inseridos no contexto da pandemia. Essa ação contou com o reforço imprescindível das anotações constantes da pesquisa de campo realizada nesse mesmo período. O campo temático contemplou especificidades dessas festas, com referências à literatura científica acerca do Círio, da pandemia e da economia popular.

Adicionalmente, foram analisados fragmentos das entrevistas realizadas com oito

importantes atores² dessas festas, sendo um da organização do Círio, dois da organização da Chiquita, duas devotas católicas, e três vendedores informais que atuam nas ruas da capital do Pará. Todos foram diretamente impactados pela ausência das festas em seus formatos habituais. Essas entrevistas ocorreram presencialmente na cidade de Belém, nos meses de fevereiro e outubro de 2021, respeitando as regras sanitárias de prevenção da covid-19, em locais e horários previamente agendados. Os sujeitos participantes foram escolhidos pelo potencial de cada um como agente representativo de cada temática relacionada às festas nazarenas, o que ocorreu naturalmente durante o período de observação.

Este artigo segue orientado em duas partes, sendo a primeira destinada à apresentação da festa do Círio e das diversas expressões culturais a ela vinculadas, todas seriamente afetadas pelas regras sanitárias necessárias ao combate da covid-19. A segunda parte terá como enredo a situação dos representantes da economia popular, sobretudo os vendedores ambulantes atuantes no Círio, ressaltando as implicações danosas que a pandemia capilarizou sobre esse segmento. As análises dessa etapa foram promovidas sob uma perspectiva foucaultiana de poder, ratificando a hipótese de que os efeitos da situação pandêmica tiveram um endereçamento precisamente voltado aos mais vulneráveis.

A COMPLEXA FESTA DO CÍRIO DE NAZARÉ

A festa do Círio acontece todos os anos na cidade de Belém do Pará, e seu auge é o cortejo do segundo domingo de outubro. É nesse dia que a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré percorre cerca de 3 quilômetros pelas avenidas centrais da cidade, em direção à Basílica Santuário de Nazaré. A organização do Círio conclama que o “Círio tem cheiro, a cidade muda, é muito impressionante e contagiante estar em Belém entre o final de setembro e meados de outubro” (ORGANIZADOR DO CÍRIO, 2021). Uma aglomeração onde pessoas de diferentes raças, etnias, orientações sexuais, classes sociais e práticas religiosas se fazem presentes de uma forma bastante evidente, expressando o caráter plural e ecumênico que o evento possui.

Assim, apesar de ser uma festa católica, o Círio conecta seres humanos em toda a sua

² Este artigo é fruto da pesquisa em andamento do doutorado do autor Bartos Batista Bernardes. Visando a manter o anonimato das pessoas que gentilmente se prontificaram a participar deste estudo, elas serão tratadas ao longo do texto apenas como devotas, ambulantes e componentes da organização.

rica diversidade, sendo um espaço acolhedor para qualquer manifestação ligada ao sagrado. Uma reportagem ilustra que “popular, plural e diversificado, o Círio de Nazaré é de todos os credos e manifestações de fé. Entre os romeiros, participam das procissões devotos de outras religiões, sobretudo de matriz africana, espíritas e ciganos [...], [caracterizando] uma festividade ecumênica” (MONTEIRO, 2021, p. 71). Trata-se de um espetáculo de fé e gratidão sem restrições que traduz a alma paraense, encantadora por igualar as pessoas: ricos, pobres, letrados ou não (ORGANIZADOR DO CÍRIO, 2021).

Há sortidas manifestações de fé protagonizadas pelos promesseiros que participam do Círio, quando realizam suas súplicas ou simplesmente agradecem pelas graças já alcançadas. Penitências com joelhos em carne viva por longos trajetos percorridos são algo comum. A exibição de objetos em madeira ou isopor, que representam sonhos conquistados, como casas, carros, diplomas e portarias de nomeação, também abundam nesse período. Há ainda a oferta de partes do corpo humano confeccionadas em cera (os chamados ex-votos), que materializam um desejo de cura milagrosa, diante de alguma doença.

O Círio é de uma riqueza espetacular, oferecendo aos devotos 13 procissões oficiais com as características mais variadas. Há romaria para todos os gostos, a exemplo da Romaria da Juventude, da Romaria Rodoviária, da Motorromaria e das três procissões mais importantes em termos de demanda popular e jornalística: o icônico Círio Fluvial, a trasladação do sábado à noite, e o cortejo do Círio no domingo pela manhã. A Guarda de Nazaré atua na organização dessas romarias, com cerca de 2 mil homens de todas as classes sociais, de juizes a garis, todos irmanados, (ORGANIZADOR DO CÍRIO, 2021).

Apesar de a festa do Círio ser protagonizada por uma mulher – Nossa Senhora de Nazaré, padroeira da Amazônia –, a Guarda de Nazaré é composta exclusivamente por homens e infelizmente não possui pessoas do gênero feminino entre seus colaboradores. Foucault (2020, p. 29) ressalta que vivemos “uma moral de homens: uma moral pensada, escrita, ensinada por homens” e a eles endereçada. É por isso que é preciso que avancemos nesse espaço, no sentido de pensar a inserção de mulheres na composição da Guarda de Nazaré. É importante e salutar que tradições com características restritivas sejam repensadas, de modo a averiguar a possibilidade de adaptações que promovam o acolhimento de novos atores. Nesse caso, essa revisão se sugere não só por toda a representatividade que estaria contida num ato não apenas de valorização e respeito às mulheres, mas sobretudo pela oxigenação que a guarda obteria ao desfrutar de suas competências, talentos e elevadas sabedorias.

Como já mencionado, a festa do Círio ultrapassa os rituais litúrgicos, uma vez que inúmeras festas não religiosas ocorrem em abundância no mesmo final de semana. São eventos de todos

os gêneros, desde os voltados eminentemente para a cultura local, como os shows de carimbó e de aparelhagens, até as apresentações de artistas de notoriedade nacional que se apresentam nas diversas casas de espetáculos espalhadas pela cidade. Além deles, há ainda importantes eventos tradicionalmente associados ao Círio, que, embora não façam parte do calendário oficial da festa religiosa, se constituem como forças culturais indexados inevitavelmente a ela. Três desses movimentos possuem maior destaque, quais sejam: o Arrastão do Pavulagem, o Auto do Círio e a quadragenária Festa da Chiquita. Todas essas manifestações, ao se aglutinar no período nazareno, jogam os holofotes para essa cidade amazônica, atraindo incontáveis turistas e fiéis interessados em beber dessa riqueza cultural tão específica e original da cidade.

Infelizmente, com a chegada do novo coronavírus e sua característica pandêmica, o mundo foi obrigado a se isolar e se adaptar de forma urgente e abrupta a um contexto totalmente adverso. Freitas e Pena (2020, p. 37) afirmam que “trata-se, pois, de um desgaste global e um dos maiores eventos históricos dos últimos cem anos, que atinge todos os setores indistintamente”. Segundo Vallejo (2020), a mais grave crise sanitária [de] que há memória em um século”.

Em função dessa situação, as principais festas brasileiras tiveram que ser canceladas ou substancialmente alteradas para evitar aglomerações. Com o Círio de Nazaré não foi diferente: a festa sofreu fortes alterações para adaptar o formato de transmissão de suas celebrações litúrgicas. Contornando as adversidades, a intenção foi de que esse bicentenário evento não passasse completamente em branco, migrando-o para um contexto essencialmente virtual. Os impactos mais significativos ocasionados pela pandemia sobre a festa do Círio serão abordados em maiores detalhes a partir da próxima seção.

Pandemia altera profundamente a festa do Círio

Ainda nos primeiros meses de pandemia, no segundo trimestre de 2020, ventilava-se a possibilidade de que o Círio pudesse ocorrer normalmente, caso a situação fosse atenuada. Ao contrário do que se pensava, não houve avanços significativos, e a solução pensada pela diretoria da festa, em comunhão com as autoridades sanitárias, foi a reformulação total da festa, organizando o Círio numa direção de modo a desestimular aglomerações de forma absoluta. Nessa perspectiva, Armus (2020) classificou como um desafio brutal ter que articular uma resposta política a saúde pública em meio à incerteza trazida pela pandemia de covid-19.

Na edição de 2020, portanto, todas as 13 procissões foram canceladas, e o trabalho passou a ser coordenado a fim de promover um Círio com uma programação exclusivamente transmitida pela *web*. Mesmo com as portas fechadas devido às restrições, a cerimônia de apresentação do manto de Nossa Senhora “emocionou os católicos que acompanharam o evento

transmitido no telão do lado de fora da igreja, pela televisão e pela internet” (DANIEL, 2020, p. 12). Numa fase de estritas adaptações, momentos especiais como a ornamentação da berlinda, que antes não eram divulgados, mas restritos aos organizadores, passaram a ser compartilhados pelos canais de televisão e pelas ferramentas do ciberespaço.

Ainda no intuito de impedir aglomerações, uma novidade foi o sobrevoo da imagem peregrina em pontos estratégicos da capital paraense, com destaque para os hospitais onde pessoas se recuperavam da temerosa doença. Uma devota valorizou a iniciativa, expressando o desejo de que o sobrevoo da imagem seja mantido mesmo após a pandemia, ampliando o projeto para que nas próximas edições ele possa contemplar todos os bairros da cidade (DEVOTA 2, 2021). O sobrevoo permitiu que muitas pessoas se conectassem com a energia do Círio através da imagem da santa alvissareira nos céus, sem a necessidade de perfurar o isolamento social, protegendo assim a si mesmas e aos demais. Como a maior parte do mundo, Belém também sofreu as agruras do período mais crítico de contágio e internações.

Apesar disso, mesmo com todas as restrições pensadas para evitar contágios e mais propagações do vírus, 100 mil indômitos fiéis se puseram nas ruas no domingo do Círio em 2020, numa procissão totalmente improvisada. Cardoso (2020) sublinha que “devotos de Nossa Senhora foram para as ruas no sábado e fizeram uma Trasladação ‘informal’, mantendo a tradição de levar a santinha até a Catedral de Belém, de onde sai no domingo, durante o Círio”. Ao longo do trajeto, foi possível observar os devotos rezando o terço e cantando hinos de louvor, em demonstrações de fé que procuravam manter práticas cautelosas, como o uso de máscaras, na tentativa de manter um relativo distanciamento dos demais.

Em meio à difícil realidade de 2020, uma pessoa da organização do Círio revelou que seu maior sonho seria a realização do Círio presencial em 2021, o que infelizmente não pôde ocorrer. Em 2021, houve avanços significativos por conta do programa de imunização. Embora a programação tenha permanecido prioritariamente virtual, foi permitido que as missas na basílica ocorressem de modo híbrido, com o controle do número de fiéis em seu interior. Na programação externa, apenas uma procissão foi realizada, justamente por se tratar de um cortejo veicular, o que inibiu aglomerações. O traslado para Ananindeua foi a única das 13 romarias oficialmente realizada durante o Círio de 2021, inclusive com um percurso reduzido e sem suas tradicionais paradas (CARDOSO, 2021).

Como em 2020, a procissão do segundo domingo de outubro de 2021 acabou acontecendo novamente de modo informal e totalmente improvisado, perfazendo o trajeto habitual do cortejo. A diferença foi que dessa vez o número de participantes simplesmente quadruplicou, ainda que fossem totalmente desestimulados pela organização do Círio.

O 229º Círio de Nazaré reuniu aproximadamente 400 mil pessoas pelas ruas da cidade, mesmo sem a realização oficial da procissão da festa. [...] Com o avanço da vacinação e a queda no número de casos de covid-19 no Pará, os fiéis tomaram as ruas de Belém com o intuito de pagar promessas e manifestar a fé. (SOARES, 2021, p. 38).

Uma reportagem do jornal *Amazônia* mostra que “quase meio milhão de pessoas não abriram mão de manifestar gratidão, fé e devoção a Nazica”, desejosos de que a doença vá embora e que em 2022 todos possam estar no Círio, agradecendo por tudo (DEVOTOS..., 2021, p. 4).

Em 2020 e 2021, dentre os objetos de cera (os ex-votos) utilizados pelos promesseiros, o pulmão se revelou o grande destaque. Uma reportagem esclarece que “partes do corpo humano em cera fazem parte das demonstrações de fé e gratidão à virgem de Nazaré” (CARVALHO, 2021, p. 20). Essa matéria aponta que, por conta da pandemia, a demanda de 2020 por ex-votos caiu em relação a 2019. Porém, em razão do grande número de infecções causadas pela covid-19, “o pulmão passou a ser o órgão mais solicitado pelos devotos” (CARVALHO, 2021, p. 20). Também era possível entregar os ex-votos, com o acompanhamento das encomendas, depositadas na Barca dos Milagres, instalada na Basílica de Nazaré, processo inteiramente registrado em fotos e filmagens pelos vendedores, o que dispensou os promesseiros de sair de casa.

O diretor do Círio expressou seus sentimentos num artigo no jornal *O Liberal*, desabafando que “[...] podem estar vazias as ruas, podem estar assustadas as pessoas, pode estar nos espreitando o vírus [...]. Sempre haverá cor, cheiro e sabor nos outubros desta terra, e lágrimas seguirão escorrendo dos olhos, lavando das faces a poeira do isolamento.” (MARTINS, 2021, p. 34).

Tanto pela robustez de sua estrutura como por sua projeção nacional, o Círio atrai milhares de turistas todos os anos, promovendo a lotação máxima de sua rede hoteleira, setor prejudicado pela pandemia. Enquanto em 2019 os 12 mil leitos da cidade de Belém foram totalmente ocupados, em 2020, foi estimado o preenchimento com a ocupação de 15% a 25% das vagas de hospedagens da cidade (DANTAS, 2020, p.2). Em 2021, por outro lado, essa estimativa foi elevada para um mínimo de 30%, que variava de empreendimento para empreendimento³ (MENDES, 2021). Mesmo com o aumento significativo de visitantes em 2021, a não realização tanto do Círio quanto das demais festas a ele vinculadas prejudicou seriamente a economia local, com destaque para os que sobrevivem da informalidade, como

³ Estimativa do Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares do Estado do Pará (SHRBS-PA), em reportagem para o portal Agência Brasil.

veremos mais adiante.

Há 40 anos, Isidoro Alves (1980, p. 51), autor de um estudo icônico sobre o Círio, já chamava atenção para esse aspecto heterogêneo da festa, ao mostrar que o Círio agrega toda uma diversidade religiosa, profissional, sexual e de gênero, incluindo elementos recreativos, turísticos e educativos. Um período em que todos se preparam, quando “o lazer e os negócios convivem” (ALVES, 1980, p. 26). Um “Carnaval devoto” capaz de conexões admiráveis, promovendo festas dentro da grande festa, quebrando paradigmas e reforçando o caráter absolutamente diversificado desse povo tão extraordinário que habita o meio da floresta amazônica: o povo paraense.

As festas dentro da Festa

Inúmeras festas orbitam o Círio de Nazaré, independentemente de qualquer ligação com os rituais litúrgicos, embora estejam de algum modo conectadas ao período nazareno, muito em função da propulsão turística possibilitada pelo evento. Além dos teatros e casas de shows, cuja farta programação promove apresentações de artistas de reconhecimento regional e nacional, os encontros ritmados com o carimbó e as demais peculiaridades paraenses, como as famosas festas de aparelhagens, geram uma concorrida demanda de pessoas desejosas por participar desses espetáculos.

A grande notoriedade das festas profanas vinculadas ao Círio, no entanto, se deve a três eventos em especial, todos tradicionais, que fazem parte de seu calendário cultural e movimentam o final de semana mais esperado do estado do Pará. São eles o Auto do Círio, espetáculo teatral de rua realizado no centro histórico de Belém na sexta à noite; o Arrastão do Pavulagem, que acontece no sábado à tarde logo após o Círio Fluvial; e a efusiva Festa da Chiquita, que promove a diversidade LGBTQIA+ na Praça da República, no intervalo entre os cortejos da transladação noturna do sábado e a procissão dominical do Círio.

Uma devota entrevistada comentou a importância dessas festas da seguinte maneira: “até porque o turista, quando vem, ele quer ver diversidade, então tem aquela parte religiosa, e tem aquela parte que você vai se divertir, conhecer algo novo, né? Conhecer um novo tipo de cultura, um novo tipo de abordagem” (DEVOTA 1, 2021).

Uma vendedora ambulante relembrou seu percurso de vendas durante essas festas: “a gente trabalha no Auto do Círio, ali próximo ao tribunal, de lá, a gente vem para a Chiquita e depois para a Motorromaria, e encerra no domingo do Círio” (VENDEDORA AMBULANTE 3, 2021). Daí se nota a gama de possibilidades de atuação dos vendedores de rua nas festividades profanas desse período.

Como já era esperado, o cancelamento do Círio presencial reverberou também em todas as demais festas a ele relacionadas. Em função da pandemia, elas foram obrigatoriamente transferidas do ambiente tradicional onde a aglomeração sempre se fez regra, inserindo-se nas possibilidades de transmissão disponíveis pela internet.

Diante desse cenário, tanto em 2020 quanto em 2021, o espetáculo teatral do Auto do Círio foi realizado apenas virtualmente. O jornalista Fabyo Cruz traz em sua reportagem a fala do diretor geral desse evento, lembrando que a ausência do calor humano é o aspecto mais difícil desses tempos pandêmicos. Em 2021, o Auto do Círio se apresentou com o tema “Sagradas Conexões”, por conectar a todos digitalmente, através das telas de *notebooks* e *smartphones* (CRUZ, 2021, p. 53). “O Auto do Círio é realizado desde 1993 pela Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará - UFPA, visando [a] revitalizar o centro histórico de Belém” (SERRA, 2017, p. 261).

Outro evento importante, o Arrastão do Pavulagem apresenta um cortejo que “retrata a cultura popular e regional paraense, passando por importantes pontos turísticos da cidade de Belém, como a Praça do Carmo e o Mercado Ver-o-Peso” (SERRA, 2017, p. 244). O Diário do Pará mostrou que o arrastão promoveu tanto em 2020 como em 2021 “uma programação 100% virtual para atender os brincantes em tempos tão difíceis provocados pelo vírus” (ARRASTÃO..., 2022). Segundo a reportagem, “embora as transmissões tivessem ajudado muitos a superar a pandemia, a expectativa pelo retorno sempre foi alta” (ARRASTÃO..., 2022), de modo que houve inúmeros comentários na internet, saudosos da falta da agitação e do calor humano que o arrastão promove.

Dos eventos culturais não religiosos vinculados ao Círio, a Festa da Chiquita se estabelece como a mais antiga e tradicional: há 4 décadas colore o sábado da Praça da República, razão pela qual a elegemos para detalhar os reflexos da pandemia sobre esses eventos.

A festa virtual da Chiquita

A irreverente Festa da Chiquita seguiu o mesmo caminho das demais manifestações culturais, apropriando-se das ferramentas da internet para cravar sua tradicional participação no tempo nazareno. Vidigal (2020) ressalta que a Chiquita de 2020 “foi transmitida em live, sem plateia presencial [,] e pôde ser assistida ao vivo pelo *youtube* de Eloi Iglesias”⁴.

Diante desse panorama de isolamento, a organização da Festa da Chiquita assim desabafou sobre sua representatividade para o povo amazônico e a impossibilidade do contato

⁴ Elói Iglesias é o grande nome da Festa da Chiquita. É diretor do evento há mais de duas décadas.

físico que lhe é tão peculiar:

Essa coisa de você receber as pessoas, uma coisa que na pandemia não se fez muito, né? Com o problema, porque a gente é do abraço, a gente é do afeto. Acho que as pessoas querem que tu leve elas pra outros lugares, né? A gente não tem o costume de sair, nós somos muito apegados principalmente na comida, nos sabores, nos nossos cheiros, no nosso aroma [...]. Nós temos um jeito. Na verdade, o Brasil do Norte é outra coisa, entendeu? (ORGANIZADOR DA CHIQUITA 1, 2021).

Em 2021, em meio a uma situação mais confortável, possibilitada pelo programa de imunização, a Chiquita pôde ocorrer de maneira presencial, respeitando o limite de 200 pessoas, no anfiteatro do Memorial dos Povos, espaço multicultural situado no centro de Belém. Durante o evento, foi possível observar vários participantes utilizando máscaras, retirando-as quando precisavam consumir alimentos e bebidas. Segundo uma reportagem do Jornal da Amazônia, o “evento Filhas da Chiquita tem a primeira edição fechada desde que se tornou patrimônio cultural” (FESTA..., 2021, p. 9). Por sua vez, Azevedo (2021, p. 3) afirma que a Festa da Chiquita é um símbolo de resistência LGBTQIA+ e foi realizada num formato *pocket*, bem mais comedido, porém mantendo a diversão e sua relevância como pontos de resistência cultural.

Carlos, Tavares e Trindade Júnior (2021, p. 215) discorrem sobre a relevância econômica da Chiquita pela “presença de camelôs e ambulantes que vendem bebidas e comidas variadas, além de objetos relacionados ou não ao Círio”. Em 2021, por conta da realização presencial, mesmo com a limitação do público, a festa conseguiu atrair vendedores ambulantes para as imediações do evento, na avenida Governador José Malcher, a poucos metros da Praça da República, como é possível identificar nas figuras 1 e 2.

Figuras 1 e 2: Vendedores ambulantes na área externa da Festa da Chiquita



Fonte: Bartos Batista Bernardes (2021).

Nas palavras das vendedoras: “já vendi outras vezes na Festa da Chiquita, um evento que a gente pode adquirir uma renda a mais” (VENDEDORA AMBULANTE 2, 2021). “São vendas muito boas na Chiquita” (VENDEDORA AMBULANTE 1, 2021), pois a festa tem muita divulgação e é muito atrativa, atraindo muita gente de vários lugares.

Figuras 3, 4 e 5: Feira de produtos voltados ao público LGBT



Fonte: Bartos Batista Bernardes (2021).

Outro incentivo da Chiquita que identificamos nesses tempos de pandemia foi a criação da 1ª Feira de Produtores LGBTs do evento, cujo objetivo era incentivar a economia popular, mediante a comercialização de itens diversos, como alimentos, bebidas, produtos artesanais e outros produtos exclusivamente relacionados à temática da diversidade sexual. As figuras 3, 4 e 5 apresentam uma parte dos produtos disponibilizados na feira.

Sobre essa inovação, a direção da Chiquita assim se expressou: “A motivação para inovar veio justamente por estarmos vivendo uma pandemia e para atrair ainda mais a população LGBT, razão pela qual tivemos a feirinha do produtor LGBT, que rolou simultaneamente à Festa da Chiquita.” (ORGANIZADOR DA CHIQUITA 2, 2021).

Vale lembrar que a Chiquita chega a juntar um público de até 40 mil pessoas na Praça da República, seu lugar cativo desde sua primeira edição. Monteiro (2021, p. 71) menciona o olhar de uma conceituada antropóloga sobre a Festa da Chiquita, que a caracteriza como irreverente, sem deixar de ser respeitosa à imagem da santa e ao Círio.

É importante sublinhar que a Festa da Chiquita foi considerada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) um dos elementos constitutivos do Círio, “uma expressão dos grupos homossexuais que, na festa das filhas da Chiquita, homenageiam (e utilizam) Nossa Senhora de Nazaré a seu modo, para defender suas causas” (IPHAN, 2004).

A soma de todos esses eventos movimenta uma importante rede comercial em Belém; aqui, destacamos a que se atrela à economia popular, por suas mais distintas especificidades, como veremos mais detalhadamente a seguir.

PANDEMIA E ECONOMIA POPULAR NAS FESTAS DO CÍRIO

O Círio envolve uma verdadeira gama de eventos, o que inevitavelmente acaba movimentando uma considerável cadeia de beneficiários, em função da concreta possibilidade de geração de renda para a cidade de Belém. Praticamente todo o comércio é prestigiado, destacando-se os que estão diretamente vinculados a uma expressiva demanda turística, como acontece de praxe. Uma reportagem⁵ do Liberal informou que, em função da ausência do turismo religioso em 2020, “deve haver uma perda de faturamento na ordem de 239 milhões nas empresas durante o Círio”, evento que normalmente movimenta, juntamente com outros setores, um total próximo a 1 bilhão de reais. (VAZ, 2020, p. 4).

Enquanto a pandemia afetava o principal evento turístico do Pará, segmentos como os de hospedagem (pousadas e hotéis), alimentação (bares, restaurantes e lanchonetes) e corridas em veículos privados (serviços de táxis e carros por aplicativos) viram suas demandas reduzirem vertiginosamente, o que implicou uma abrupta redução de suas arrecadações. Para se ter uma ideia, cerca de 400 negócios vinculados ao turismo no Pará fecharam as portas por conta da crise acarretada pela pandemia (VILARINS, 2020).

Nesse cenário nebuloso, um dos impactos que mais chamaram atenção – sobretudo pela representatividade social que a cerca – recaiu sobre os inúmeros vendedores que atuam na informalidade, através da chamada economia popular (EP). Por suas características (DINIZ, 2020), a EP possui grande destaque no período nazareno, configurando-se como uma fonte extraordinária de arrecadação para os trabalhadores de rua, muitas vezes garantidora de uma segurança financeira que lhes dará suporte ao longo dos meses subsequentes. Uma vendedora lamentou a ausência do Círio, dizendo que “a pandemia deixou tudo mais difícil e as coisas ficaram muito mais caras; as pessoas estão reclamando dos preços. Se não fosse a pandemia, isso aqui estaria lotado” (VENDEDORA AMBULANTE 3, 2021). Essa vendedora também

⁵ A reportagem se baseia nos dados apresentados pela Universidade de São Paulo (USP), e pelo Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), estado do Pará.

lamentou a pouca movimentação nas ruas, consequência inevitável do isolamento social necessário naquele momento.

Para muitos desses pequenos empreendedores, as vendas realizadas no Círio, além de representar a maior arrecadação anual, se consolidam como base da subsistência familiar por um extenso período. “Muitos sustentam suas famílias com produtos religiosos que remetem à nossa Senhora”, já que o Círio movimenta a economia local, gerando “emprego e renda para quem trabalha comercializando os variados tipos de produtos católicos” (SOARES, 2021b, p. 38-39).

Por esses aspectos de relevância econômica, o Círio também é conhecido em Belém como o “Natal dos Paraenses”. Reportagem de Melo (2021, p.31) ressalta que “as vendas, neste período, superam as do natal”. Nessa direção, um vendedor ressaltou as dificuldades vivenciadas nesses tempos pandêmicos: É o nosso segundo Natal “[...]. Chego a arrumar uns 10 mil reais no Círio. Inclusive dois anos seguidos sem o Círio quebrou minhas pernas, gastei minhas reservas, fiz empréstimo, e grande parte da mercadoria se vendeu” (VENDEDOR AMBULANTE 1, 2021).

Em sua obra *Em defesa da sociedade*, Foucault (2010, p. 43) alerta que vivemos “em guerra uns com os outros, uma frente de batalha que perpassa a sociedade inteira, contínua e permanentemente”. Essa batalha reflete a luta dos ambulantes, cujo cotidiano ficou ainda mais complicado por conta da pandemia, adicionando desafios a uma situação que já era bastante difícil. Essa guerra contínua mencionada por Foucault emerge como um reflexo das consequências do capitalismo neoliberal, a ditar que cada um é obrigado a assumir para si as responsabilidades de seus destinos, apresentando uma falsa ideia meritocrática. No caso dos vendedores de rua, há um desafio perene e deveras assolador, como pudemos constatar nos depoimentos.

Mesmo durante a pandemia, observamos que os circuitos processionais das ruas centrais de Belém ficaram visivelmente lotados de vendedoras e vendedores ambulantes, que ofertavam uma imensa variedade de produtos em seus carrinhos, girândolas e barracas. Comidas típicas, bebidas, ervas medicinais, objetos religiosos e artesanatos em geral costumam ser itens abundante no período, enfeitando suas avenidas com peculiaridades da cultura local.

O Arraial de Nazaré⁶ promovido pela igreja costuma funcionar durante cerca de 90 dias, de setembro a novembro, e tem gente que se sustenta quase o ano inteiro com o dinheiro que

⁶ Trata-se de uma feira de produtos agrícolas instituída em 1793, no primeiro Círio, que se transformou num movimento de entretenimento com parque de diversões, barracas de artesanato e apresentações musicais.

ganha nesse período (ORGANIZADOR DO CÍRIO, 2021). Por conta da pandemia, o arraial também foi impactado: foi realizado apenas durante 16 dias, em 2020, e 26 dias, em 2021. Vale a pena frisar que esse arraial envolve grandes personagens da EP paraense e representa mais uma peça de reforço para a economia dos pequenos produtores.

Principais desafios para a economia popular

Como todos os tradicionais eventos do Círio se adaptaram à conjuntura pandêmica e não foram realizados nos formatos habituais, Belém viu seu fluxo turístico despencar como nunca, produzindo situações nefastas principalmente para a massa trabalhadora mais vulnerável. Em função da informalidade em que atuam, inúmeros vendedores e vendedoras foram bastante prejudicados pela ausência do indiscutível celeiro festivo que ocorre em Belém durante o período nazareno. Estudos mostram que “o avanço da pandemia do vírus covid-19 tem gerado efeitos imediatos sobre a economia popular urbana” (DINIZ, SILVA e GUERCI, 2020, p. 1). “Foi um impacto muito grande, tenho amigas que passou fome” (VENDEDORA AMBULANTE 3, 2021), afirmou a vendedora, referindo-se a suas colegas de labuta. Outra lamentou essa ausência, reforçando que “é dessa venda que tiro meu sustento, alimentação, remédio, tudo!” (VENDEDORA AMBULANTE 2, 2021).

Mesmo diante dos riscos oferecidos pela pandemia, foi possível deparar com muitos vendedores pelas ruas de Belém, na esperança de realizar suas vendas, embora o reduzido número de turistas não colaborasse para que tal ação se concretizasse. A realidade desses trabalhadores e trabalhadoras não é nada fácil, uma vez que se somam aos obstáculos já elencados outras situações lamentáveis e constrangedoras vivenciadas nas ruas. “Muita gente renega a nossa pessoa [por medo de contágio com o vírus], “muita gente humilha a gente pra caramba” (VENDEDOR AMBULANTE 1, 2021). Em razão do vírus da covid-19, a população ficou ainda mais reticente, esquivando-se de adquirir produtos ofertados nas ruas, certamente por julgá-los mais suscetíveis ao contágio. Uma vendedora expressa experiências vexatórias que ocorrem no dia a dia de seu trabalho, a exemplo da proibição da venda de cervejas, justamente o item que representa sua maior fonte de lucro. Sobre essa situação, ela desabafa:

O que piorou foi mais na venda de cerveja, porque nós somos proibidos de vender cerveja aqui. [...] Porém tem o Bar do Parque que, e não é proibido, que é dentro da praça. A gente vende com medo, com um pé atrás. [...] De primeiro, eles levavam mesmo, quando pegavam cerveja no nosso carro, levavam, tinham que levar porque era proibido, mas agora, graças a Deus, estamos mais em paz. Eu espero que mude, né? Seja liberado mesmo. (VENDEDORA AMBULANTE 3, 2021).

A vigilância descrita pela ambulante se conecta à biopolítica expressada, segundo

Foucault, pelo poder disciplinar necessário à ação capitalista: “A vigilância se torna um poder operador decisivo, na medida em que é ao mesmo tempo uma peça interna no aparelho de produção e uma engrenagem específica do poder disciplinar” (FOUCAULT, 2014, p. 172). No relato, observa-se que, apesar de a venda de bebidas ser proibida na Praça da República, o Bar do Parque, localizado nessa praça, consegue realizar suas vendas normalmente. De acordo com a ambulante, a motivação seria o perigo das garrafas de vidro, embora há muito tempo já tenham sido substituídas pelas latinhas. Foucault (2010, p. 65) alega que existem duas raças quando há dois grupos que, apesar de coabitarem, não se misturam por causa de diferenças e barragens ligadas a privilégios e a modos de exercício de poder. É isso que a situação descrita parece evidenciar.

Pelo relato da vendedora, nota-se que esse problema tem se amenizado, passado todo o rigor fiscalizatório de antes, embora haja o contundente desejo de que a venda de cervejas seja enfim legalizada. Até porque não faz sentido algum que os ambulantes sejam cerceados de comercializar algo que há poucos metros segue liberado, porém num espaço mais requintado e atrativo para uma classe social mais abastada.

Criatividade para driblar os efeitos da Pandemia

O uso da criatividade tem sido essencial à elaboração de estratégias de vendas que possam ser utilizadas com segurança mesmo em tempos de isolamento. Melo (2021, p. 31) mostra em sua reportagem que a “criatividade para inovar a produção é fundamental a empreendedores que se inspiram na fé para confeccionar peças de artesanato e enfrentar a retração nos negócios provocada pela pandemia de covid-19”. Nessa direção, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) instalou uma máquina de autoatendimento em pontos turísticos da cidade que vendem produtos do Círio produzidos por empreendedores paraenses (CAVALCANTI, 2020). Em tempos pandêmicos, a configuração desse negócio dispensa contato físico entre pessoas, ajudando tanto na proteção como no aumento do volume de vendas, o que beneficia dezenas de pequenos produtores.

Figura 6. Máscaras de proteção contra a Covid com imagem da Santa



Fonte: Bartos Batista Bernardes (2021).

Na economia popular, um exemplo dessa criatividade foi expresso pelos vendedores ambulantes que focaram na venda de máscaras de proteção facial para a covid-19 estampadas com a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, conforme a figura 6, no intuito de driblar as dificuldades que surgiram com o coronavírus. Maranhão (2021) aponta que o número de ambulantes aumentou durante a pandemia, assim como a variedade de produtos oferecidos ao público, muito embora a quantidade de clientes tenha reduzido, seja pelas condições sanitárias impostas pelo governo, seja pela perda de poder aquisitivo dos consumidores.

Esse aumento no número de ambulantes reflete o caráter da economia popular como fonte emergencial de subsistência para quem não tem outro horizonte de geração de renda a ser vislumbrado. Verónica Gago (2014) explica que a informalidade não é sempre um âmbito negativo, mas pode ser positivo por sua dimensão de práxis na busca por novas formas produtivas, comerciais e relacionais.

A grande corrida pelos serviços propostos pelos aplicativos de transporte e entrega também reflete a situação nefasta produzida pela pandemia. De acordo com Freitas e Pena (2020, p. 38), o imenso comércio na economia informal inclui também uma nova fonte de renda, ligada aos aplicativos de empresas cujos trabalhadores não têm qualquer proteção social. O advento das tecnologias alterou as relações de trabalho, que enveredaram por flexibilidade e desregulamentação crescentes, germinando um proletariado digital cada vez mais informal, intermitente e “uberizado”, numa nova modalidade de servidão (ANTUNES, 2020). Trata-se de uma luta, uma batalha diária na guerra pela vida: “Logo, em toda parte desigualdades, em toda parte violências que fundamentam desigualdades, em toda parte guerras” (FOUCAULT, 2010, p. 132).

O Estado como esperança de vida

Diante de tantas dificuldades, as esperanças foram canalizadas para o posicionamento do poder público quanto às ações que seriam implementadas para contornar as consequências que a pandemia acarretou a milhares de trabalhadores. Freitas e Pena (2020) elucidam que a informalidade geralmente absorve pessoas fragilizadas e em situação de risco de fome, sem remuneração permanente e subempregadas que necessitam de uma rápida ação dos governos para assegurar renda e dignidade a pessoas vulneráveis. Segundo esses autores, são grupos que deveriam estar recebendo os melhores e mais amplos benefícios sociais, sobretudo os relacionados ao direito à segurança alimentar e nutricional (FREITAS; PENA, 2020).

De modo contundente, Foucault (2021a, p. 58) advoga que o “mercado devia ser um lugar privilegiado de justiça distributiva [...] para pelo menos alguns produtos fundamentais, como os produtos alimentares”, plenamente acessíveis aos mais pobres. Nessa lógica, a fome precisa ser encarada como prioridade absoluta, e os governos devem envidar esforços para garantir o mais básico dentre os benefícios possíveis. É urgente a necessidade de deflagração de ações efetivamente capazes de alterar esse cenário deprimente.

Dados de maio de 2022 demonstram os reflexos do vírus sobre a fome no contexto brasileiro. Segundo informações da FGV Social, 35% dos brasileiros, um número estarrecedor, sofreram em algum momento da pandemia com a falta de dinheiro para alimentação. “Sinteticamente, os famintos representam grupos de risco para a pandemia de covid-19 configurando-se uma tragédia humana ainda maior” (FREITAS; PENA, 2020, p. 36). Polanyi (2012) relata que o medo da fome é que faz com que o trabalhador despossuído se sujeite ao trabalho precarizado. Certamente esse medo primário, relacionado ao fomento da vida, faz abundar o quantitativo de trabalhadores que se subjugam à informalidade e à “uberização”, oriundos de uma crescente alta da massa desempregada em nosso país, como pôde ser observado nesses tempos de pandemia.

Os programas sociais ofertados durante a pandemia eram escassos e com baixíssimas remunerações. Muitos trabalhadores, pelo aspecto informal, não conseguiram reunir a documentação comprobatória que os fizesse ter acesso a benefícios diretamente relacionados a microempreendedores individuais. Com programas insatisfatórios quanto às necessidades reais dos trabalhadores, a intenção parece ter sido de ao menos amenizar a situação, em face da vulnerabilidade vivenciada, acalmando os ânimos da população e despertando sentimentos de gratidão pelas rasas ajudas oferecidas (ainda que fundamentalmente necessárias), a fim de evitar possíveis colisões. Uma vendedora afirmou que “o que ajudou a gente foi esse auxílio emergencial” (VENDEDORAAMBULANTE, 2021). Foucault enfatiza que o poder se concretiza

por sua função repressiva, gerindo a vida dos homens por uma utilidade econômica máxima e diminuindo, assim, “sua capacidade de revolta, de resistência, de luta [...] neutralizando os efeitos do contrapoder, isto é, tornar os homens dóceis politicamente” (FOUCAULT, 2021b p. 20). É o que parece ter ocorrido com as possibilidades até aqui disponibilizadas.

O fato é que não houve um programa específico de atendimento aos ambulantes que atuam na informalidade, razão pela qual ficaram completamente alheios aos benefícios assistenciais mais robustos, já que foram especificamente voltados ao microempreendedor formalmente registrado. Foi o caso do Incentiva + Pará⁷, cujo valor do auxílio chegou a 2 mil reais, diferentemente de auxílios mais generalizados, cujos valores ficaram na janela entre 200 e 600 reais, não ultrapassando esses insignificantes valores.

Nesse cenário, é fundamental encontrar meios para que esses milhares de trabalhadores, com o auxílio de políticas públicas eficazes, possam deixar esse ambiente de desproteção e enfim alcançar uma vida minimamente digna. Trata-se de uma questão que necessita ser equalizada com a participação do poder público para que esse setor consiga migrar da informalidade para um mercado de trabalho que proporcione segurança social aos que nele operam (GARCIA *et al*, 2019).

Infelizmente, a proposta de transferir dinheiro como estratégia de redistribuição de riqueza ainda é de difícil assimilação para aqueles que assumem que a única renda econômica aceitável é aquela vinculada ao esforço individual e para os que consideram tais subsídios meros recompensadores de uma vadiagem (SAVINO, 2021). Contudo resta-nos ignorar temporariamente essas visões míopes e focar na procura por soluções que reúnam esforços para que outros programas possam ser implementados. É fundamental que as novas tentativas nesse sentido, quando surgirem, tenham um potencial significativo de agir na mudança da realidade de nossos trabalhadores.

Possíveis soluções: o que esperar para o futuro?

A realidade demonstra que vários desses pequenos comerciantes não conseguem sair da informalidade. Fatores como simples despreparo, desconhecimento ou mesmo falta de orientação por parte de agentes públicos devem ser considerados, sobretudo em relação aos trâmites burocráticos que acabam desestimulando os que se sentem verdadeiramente aflitos ao lidar com eles. Dados do IBGE apontam que 68% das pessoas que ficaram sem trabalho no segundo trimestre de 2020 tinham postos informais e ficaram sem direito a quaisquer dos

⁷ Disponível em: <https://sedeme.pa.gov.br/incentiva-para>. Acesso em: 05 jun. 2022.

benefícios comuns aos que possuem carteira de trabalho assinada (TRABALHO INFORMAL..., 2021).

Na contramão dessa situação caótica, a saída encontrada por muitos desempregados foi justamente enveredar pelo empreendedorismo, a fim de buscar algum meio de sobrevivência, constituindo especialmente microempresas individuais formalizadas. Uma reportagem do Diário do Pará destaca que o empreendedorismo foi uma das formas que os trabalhadores paraenses encontraram para driblar a crise econômica ocasionada pelo coronavírus – houve um aumento de 27,04% de empresas abertas em 2021, a maioria composta por microempresas individuais (TRABALHADOR..., 2021).

Trindade (2021) destaca que a expansão descontrolada do coronavírus serviu para demonstrar a fragilidade das condições de existência de uma parcela significativa de trabalhadores brasileiros, além de comprovar que, em conjunturas adversas, os piores efeitos recaem sobre o proletariado. Em meio a esse quadro, estamos convictos de que é preciso ter ciência do importante papel prestado pelo vendedor ambulante. Faz-se necessário lançar um novo olhar sobre esse trabalhador, que, mesmo na informalidade, não deixa de ser um microempreendedor com uma significativa contribuição para a economia local. Através de seu trabalho, além de buscar garantir a subsistência familiar, ele faz o dinheiro circular e consegue oferecer uma alternativa de consumo de baixo custo à massa dos grandes centros urbanos, o caso de Belém.

É importante destacar que ninguém cai na informalidade por acaso, sendo basilar uma visão holística acerca das nuances sociais, políticas e econômicas que permeiam determinada sociedade. Acertadamente, Foucault (2014, p. 269) aponta que “foi contra o novo regime de exploração legal do trabalho que se desenvolveram as ilegalidades operárias”, precarizações como a baixa de salários, o prolongamento das horas de trabalho e a disseminação de regulamentos rigorosos.

A legislação que disciplina os auxílios financeiros tem deixado de fora importantes agentes econômicos que, por suas condições especiais, deveriam ser contemplados por programas alinhados às suas especificidades, caso dos vendedores informais. Um cadastramento desses vendedores a partir da esfera municipal já faria uma “fotografia” da conjuntura real, possibilitando ações políticas e mais precisas voltadas a esse segmento. Necessitamos de uma legislação acolhedora e sensível à causa da economia popular, coerente com sua realidade e reconhecadora de seu imprescindível valor junto à sociedade que a cerca.

O professor Monte-Mór (2008) alerta que é preciso criar alternativas e modelos participativos que se aproximem do aprendizado social, redefinindo as estratégias de intervenções nos processos decisórios e visando ao bem-estar comum. É por isso que esperamos por políticas

públicas cujo objetivo seja beneficiar esses microempreendedores informalizados com regras assistenciais alternativas que os transportem para uma formalização pautada na justiça.

A pandemia mostrou a urgência de um modelo alternativo que afrente o metabolismo antissocial do capital, aprofundador das desigualdades, traduzido num novo projeto de valorização do trabalho humano (ANTUNES, 2020). O processo é lento e dificultoso, mas não pode ser encarado como mera utopia, pois a resistência ao poder é um ingrediente inestimável para que a mudança possa de fato acontecer. Como bem diz Foucault (2021b, p.18) “nada está isento de poder. Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede de poder, teia que se alastra por toda a sociedade e a ninguém pode escapar”. Ou seja, onde há poder, há resistência.

A ausência da festa do Círio e de todos os demais eventos por ele aglutinados agudizou uma situação que já era bastante difícil, considerando que a economia popular é uma das grandes protagonistas das festas brasileiras. Se essas festas não acontecem, a EP sofre com os cancelamentos, especialmente os setores de caráter informal, pela ausência de proteção das esferas governamentais. Que os governos valorizem esse nicho, tão carente e, ao mesmo tempo, tão pulsante e presente em nosso país, dando mais atenção ao setor.

Ficamos na torcida para que esse vírus seja totalmente extirpado e que a partir de 2022 a festa do Círio de Nazaré possa acontecer novamente com toda a sua potência de aglomeração, tal como já vem sendo programado. Que com o retorno dessa imponente festa esses vendedores e vendedoras de Belém consigam gozar de uma recuperação vitoriosa de seus negócios, enquanto outras soluções ainda mais concretas são sonhadas, na esperança de que sejam realmente abraçadas pela esfera governamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo pudemos perceber a intensidade dos efeitos causados pelo cancelamento da festa do Círio de Nazaré, em razão da pandemia de covid-19. Além de provocar tensões em relação à saúde da população, com um quadro imprevisível de contaminação e de mortes, a pandemia capilarizou suas consequências por diversos setores da sociedade, afetando os cenários político, econômico, social e cultural do estado do Pará.

A bicentenária festa do Círio teve de ser realizada apenas virtualmente em 2020 e 2021, o que diminuiu consideravelmente o número de turistas na cidade de Belém na época mais cobiçada do ano e fez com que vários setores econômicos sofressem reveses. Desse modo, a

hipótese norteadora deste trabalho pôde ser constatada, ratificando a relevância do Círio e de toda a sua estrutura de festas para os vendedores de rua que atuam na informalidade. Em meio ao cenário pandêmico, esses trabalhadores tiveram que lidar com efeitos ainda mais danosos, reforçados pela vulnerabilidade advinda do desamparo e da desproteção social que os atinge diretamente.

Nossa luta é travada para que a união de esforços entre os governos e a sociedade civil possa gerar uma rede de apoio mais consistente em prol de melhorias na estrutura de trabalho que envolve os vendedores ambulantes. Essa rede deve incluir medidas que se adequem à situação real desses trabalhadores e os tire da informalidade, conduzindo-os a um ambiente de garantias assistenciais e previdenciárias dignas do importante papel que o nicho desempenha nos centros urbanos de todo o nosso país.

Além de lidar com o desfortúnio da pandemia, que esvaziou as ruas, impedindo-os de trabalhar, esses trabalhadores perderam também uma oportunidade significativa de renda por conta do cancelamento do Círio e de toda a sua complexa estrutura de festas por dois anos consecutivos. Afora os espetáculos em espaços privados, eventos culturais como a Festa da Chiquita, o Arrastão do Pavulagem e o Auto do Círio são movimentações de lazer tradicionais e importantíssimas, constituindo-se como potentes fomentadoras da economia popular local. Todas essas festas, marcadas pela devoção e pela diversão nelas interligadas, geram também uma série de benefícios, movimentando uma relevante rede de empreendimentos, especialmente os que se dedicam aos produtos religiosos.

A pandemia, com todas as suas mazelas, reafirmou o quanto as festas são importantes e imprescindíveis para o fortalecimento da cultura de uma região, de um país. O povo brasileiro é festeiro por excelência, e a festa religiosa do Círio é um acontecimento grandioso não apenas pelo expressivo número de participantes, mas também e principalmente pela riqueza cultural que a ele se conecta.

Estamos em 2022, e a expectativa é de que finalmente o Círio possa acontecer novamente em sua forma genuína, numa extraordinária aglomeração de fé na vida e no amor ao próximo. Que suas 13 procissões religiosas e as demais festas que o cercam voltem a ser uma realidade e a economia popular possa também se beneficiar desse enredo festivo e devocional tão especial e característico do estado do Pará. Que assim seja, com todas as bênçãos de Nossa Senhora de Nazaré! Amém.

REFERÊNCIAS

1. ALVES, Isidoro Maria da Silva. **O carnaval devoto**: um estudo sobre a Festa de Nazaré em Belém. Petrópolis: Vozes, 1980.
2. ANTUNES, Ricardo. **Coronavírus**: o trabalho sob fogo cruzado. São Paulo: Boitempo, 2020.
3. ARMUS, Diego. No hay epidemia que afecte más a los ricos que a los pobres. **El País**, Paris, 21 out. 2020. Disponível em: <https://elpais.com/planeta-futuro/2020-10-21/no-hay-epidemia-que-haya-afectado-mas-a-los-ricos-que-a-los-pobres.html>. Acesso em: 25 maio 2022.
4. ARRASTÃO do Pavulagem está de volta! Veja as datas! **Diário do Pará**, Belém, 29 abr. 2022. Disponível em: <https://dol.com.br/entretenimento/cultura/709934/arrastao-do-pavulagem-esta-de-volta-veja-as-datas?d=1>. Acesso em: 5 maio 2022.
5. AZEVEDO, Lais. Festa da Chiquita em versão comedida. **Diário do Pará**. Belém, ano 38, nº 13.571, 9 e 10 out. 2021. Você, p. 3.
6. CARDOSO, Suênia. O caminho das luzes até a Igreja da Sé. **Diário do Pará**, Belém, ano 38, nº 13.212, p. 11, 12 out. 2020.
7. CARDOSO, Suênia. Ruas lotadas para ver Nossa Senhora de Nazaré na única romaria de 2021. **Diário do Pará**, Belém, ano 38, n. 13.571, p. 10, 9 e 10 out. 2021.
8. CARLOS, Ana Fani Alessandri; TAVARES, Maria Goretti da Costa; TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. Círio de Nazaré: tempos e espaços da festa em uma metrópole da Amazônia. **Revista Geografar**, Curitiba, v. 16, n. 1, p. 200-228, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/geografar/article/view/75856>. Acesso em: 7 jun. 2022.
9. CARVALHO, Luciana. Pulmões lideram objetos de promessa. **O liberal**, Belém, ano 75, n. 36.960, 9 e 10 out. 2021. Atualidades, p. 20.
10. CAVALCANTI, Alexandra. Máquina comercializa produtos do Círio. **O liberal**, Belém, ano 74, n. 36.602, 12 out. 2020. Negócios, p. 5.
11. CRUZ, Fabyo. Das ruas para as mídias eletrônicas. **O liberal**, Belém, ano 75, n. 36.960, 9 e 10 out. 2021. Atualidades, p. 53.
12. DANIEL, Michelle. Missa dá início ao Círio e novo manto de Nossa Senhora é apresentado. **Diário do Pará**, Belém, ano 38, n. 13.211, p. 12.
13. DANTAS, Abílio. Círio gera 50% menos empregos. **O liberal**, Belém, ano 74, n. 36.601, 10 e 11 out. 2020. Panorama, p. 2.

14. DEVOTOS FAZEM. **Amazônia**, Belém, ano 21, n. 7.787, Gerais, p. 4, 11 out. 2021.
15. DINIZ, Sibelle Cornélio. Possibilidades da economia popular e solidária no Brasil contemporâneo: apontamentos. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 29, n. 3, p. 963-985. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-63512019000300963&script=sci_arttext. Acesso em: 24 abr. 2022.
16. DINIZ, Sibelle Cornélio; SILVA, Gabrielle Lima; GUERCI, Mariana Rodovalho. Economia popular urbana e o COVID-19: desafios para a região metropolitana de Belo Horizonte. Nota Técnica. **Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão Colmeia Solidária**, CEDEPLAR, UFMG, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://cedeplar.ufmg.br/nota-tecnica-economia-popular-urbana-e-o-covid-19-desafios-e-propostas-para-a-regiao-metropolitana-de-belo-horizonte/> Acesso em: 4 mar. 2022.
17. FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. No Círio de Nazaré, as filhas da Chiquita também fazem a festa: resistência, conflitos e reinvenção de uma urbe amazônica. **Revista EcoPós**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, 2018. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/12377. Acesso em: 16 abr. 2022.
18. FESTA mantém alegria. **Amazônia**, Belém, ano 21, n. 7.787, 11 out. 2021. Caderno Gerais, p. 9.
19. FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
20. FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
21. FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade**. V. 2: o uso dos prazeres. 8 ed. Rio de Janeiro: São Paulo: Paz e Terra, 2020.
22. FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Lisboa: Edições 70, 2021a.
23. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 11 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021b.
24. FREITAS, Maria do Carmo Soares; PENA, Paulo Gilvane Lopes. Fome e pandemia de covid-19 no Brasil. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, Pelotas, v. 8, n. 1, p. 34-40, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/18903>. Acesso em: 28 jan. 2022.
25. GAGO, Veronica. **La razón neoliberal: economías barrocas y pragmática popular**. 1 ed. Buenos Aires: Tinta Limón, 2014.
26. GARCIA, Josemeire Aparecida; SOUZA, Ezequias Ferreira de TEIXEIRA, Thainara Pimentel; MIRANDA, Maria Geralda de. Informalidade: o perfil do trabalhador ambulante de Manhuaçu. In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO UNIFACIG: SOCIEDADE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 4., 2019, Manhuaçu-MG. **Anais [...]**. Manhuaçu: Unifacig, 2019. Disponível em: <http://pensaracademico.facig.edu.br/index.php/semiariocientifico/article/view/1359>. Acesso em: 4 jan. 2022.

27. IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Parecer 01/2004**. Brasília, 17 ago. 2004. Disponível em: [Parecer_DPI_cirio_de_nazare.pdf](#) (iphan.gov.br). Acesso em: 29 ago. 2022.
28. MARANHÃO, Romero Albuquerque Comércio informal nos trens urbanos da cidade do Rio de Janeiro durante a pandemia de covid-19. **Boletim de Conjuntura**, Boa Vista, v. 8, n. 22, p. 57-70, 2021. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/470>. Acesso em: 23 fev. 2022.
29. MARTINS, Albano. Mais um segundo domingo de outubro. **O liberal**, Belém, ano 75, n. 36.960, 9 e 10 out. 2021. Cidades, p. 34.
30. MELO, Emilly. Fé orienta o trabalho de artesãos e designers. **O liberal**, Belém, ano 75, n. 36.960, 9 e 10 out. 2021. Atualidades, p. 31.
31. MENDES, Nathália. Expectativa de ocupação de hotéis durante Círio de Nazaré é baixa. **Radioagência Nacional**, Brasília, 30 set. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2021-09/expectativa-de-ocupacao-de-hotéis-durante-cirio-de-nazare-e-baixa>. Acesso em: 5 mai. 2022.
32. MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. Urbanização extensiva e economia dos setores populares. In: OLIVEIRA, Márcio Piñon de Oliveira *et al.* (org.). **O Brasil, a América Latina e o mundo: espacialidades contemporâneas**. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj: Anpege, 2008. v. 2, p. 128-140. Disponível em: www.artecidade.org.br/mg_es/textos/urbanizacao.pdf. Acesso em: 20 jan. 2022.
33. MONTEIRO, Mayra. Círio é festa popular, plural e diversa. **O liberal**, Belém, ano 75, n. 36.960, p. 71, 9 e 10 out. 2021.
34. POLANYI, Karl. Aristóteles descobre a economia. In: LEVIIT, Kari Polanyi (org.). **A subsistência do homem e ensaios correlatos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
35. SAVINO, Galia Anália. **Las economías populares en contextos de pandemia**. La Plata: Sedici – Repositório Institucional de la Universidad Nacional de La Plata, 2021. Disponível em: <http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/120427>. Acesso em: 24 abr. 2022.
36. SERRA, Débora Rodrigues de Oliveira. O processo de turistificação do espaço em santuários e eventos católicos: uma análise sobre o Círio de Nazaré em Belém-PA. **Revista Geo**, Rio de Janeiro, n. 30, p. 240-176, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/18275>. Acesso em: 28 out. 2021.
37. SOARES, Priscila. Mesmo sem procissão oficial, 400 mil foram às ruas de Belém neste domingo. **Diário do Pará**, Belém, ano 38, n. 13.572, 11 out. 2021a. Círio 2021, p. 10.
38. SOARES, Priscila. Comerciantes e artesãos movimentam a economia local. **Diário do Pará**, Belém, ano 38, n. 13.571, 9 e 10 out. 2021b. Círio 2021, p. 38.
39. TRABALHO informal foi o que mais sofreu impacto negativo na pandemia. **Jornal Monitor Mercantil**, 30 mar. 2021. Disponível em: <https://monitormercantil.com.br/trabalho-informal-foi-o-que-mais-sofreu-impacto-negativo-na-pandemia/>. Acesso em: 9 mar. 2022.

40. TRABALHADOR investe no empreendedorismo e número de MEIs aumentam no Pará. **Diário do Pará**, Belém, ano 39, n. 13.568, p. A2, 6 out. 2021.
41. TRINDADE, Hiago. Trabalhadores no contexto de pandemia. **Revista Direitos, Trabalho e Política Social**, Cuiabá, v. 7, n. 12, p. 137-157, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rdtps/article/view/11539>. Acesso em: 8 mar. 2022.
42. VALLEJO, Gustavo. **Biopolítica de la pandemia**. Madrid: Sociedad Española de História de La Medicina, 2020. Disponível em: <https://sehmepidemiassaludglobal.wordpress.com/2020/11/18/biopoliticas-pandemia-vallejo/>. Acesso em: 25 maio 2022.
43. VAZ, Elisa. Empreendedores apostam na Quadra Nazarena. **O liberal**, Belém, ano 74, n. 36.601, 10 e 11 out. 2020. Panorama, p.4.
44. VIDIGAL, Enize. Festa da Chiquita será transmitida em live. **O liberal**, Belém, ano 74, n. 36.601, 10 e 11 out. 2020. Panorama, p. 6.
45. VILARINS, Thiago. Pandemia fecha 400 empresas de turismo no Pará. **O liberal**, Belém, ano 74, n. 36.601, 10 e 11 out. 2020. Panorama, p. 6.

Bartos Batista Bernardes

Professor Efetivo do Instituto Federal do Estado do Piauí. Doutorando pelo Programa Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais e mestre em Gestão Empresarial pela Faculdade Boa Viagem. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0370-9280>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica, Pesquisa empírica, Análise de dados, Redação e lustrações. E-mail: bartos.bernardes@ifpi.edu.br

José Alfredo Oliveira Debortoli

Professor Titular na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5277-0523>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica, Redação e Revisão. E-mail: dbortoli@effto.ufmg.br